

A RAINHA VERMELHA VOL. 3

VICTORIA AVEYARD



A PRISÃO
DO REI

UMA JAULA SILENCIOSA.
UMA GUERRA LÁ FORA.

S<G>U<E>N<T<E>

VICTORIA AVEYARD

A PRISÃO DO REI

Tradução

ALESSANDRA ESTECHE

GUILHERME MIRANDA

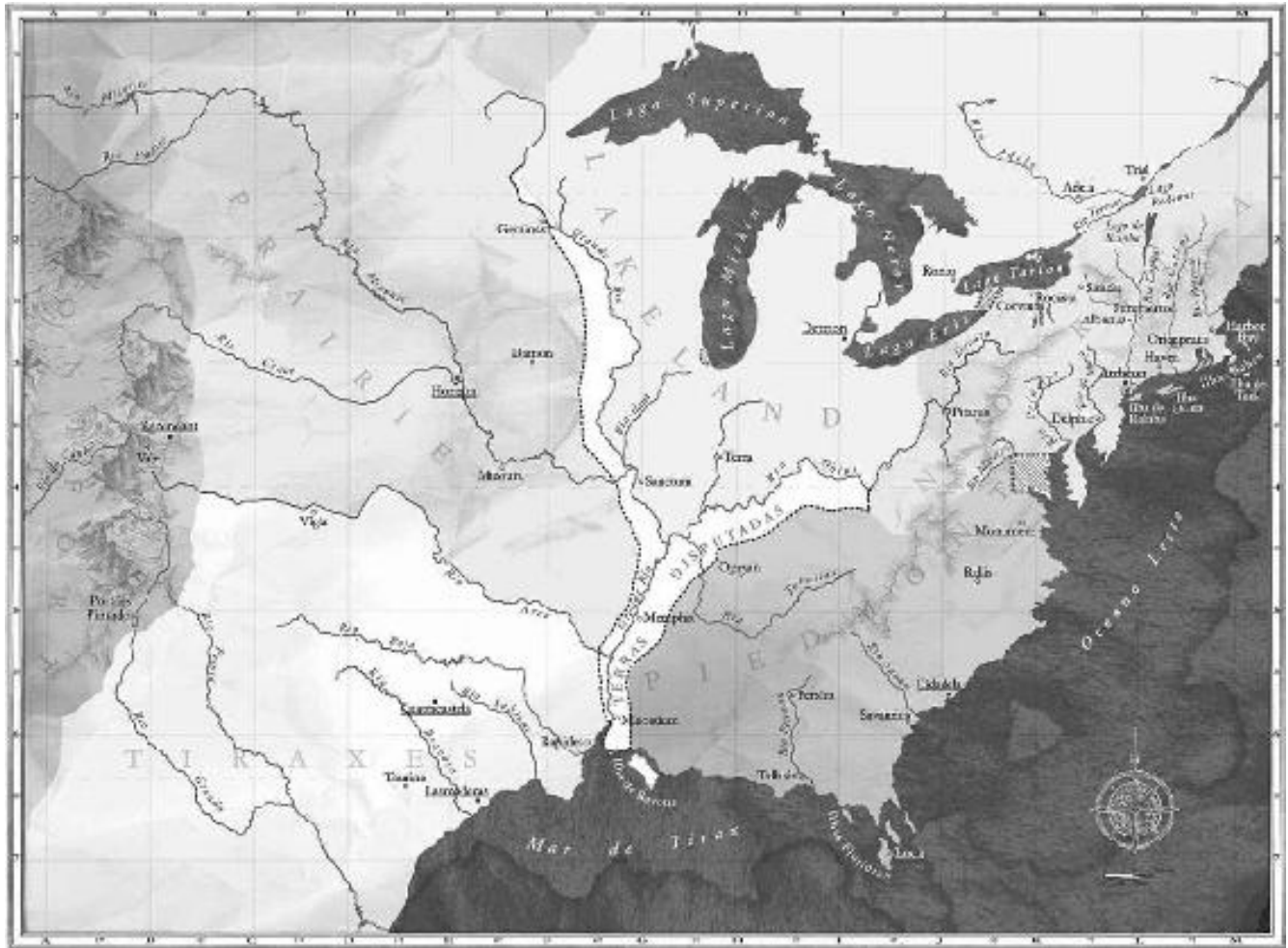
ZÉ OLIBONI

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Nunca duvide que você é importante e poderosa e merecedora de todas as chances e oportunidades no mundo para correr atrás dos seus sonhos.

HRC



UM

Mare



LEVANTO QUANDO ELE PERMITE.

Sinto um puxão na corrente presa à coleira no meu pescoço. As farpas cravam em mim, mas não o bastante para fazer sangrar — ainda não. Meus punhos já sangram. As feridas são consequência dos dias de cativo inconsciente usando as algemas ásperas e dilacerantes. As mangas outrora brancas agora estão manchadas de rubro e escarlate vivo, passando do sangue velho para o novo como prova do meu tormento. Para mostrar à corte de Maven o quanto já sofri.

Ele para diante de mim, com uma expressão indecifrável. As pontas da coroa de seu pai o fazem parecer mais alto, como se o ferro saísse de seu crânio. A coroa brilha, e cada ponta é uma chama ondulada de metal escuro ladeada por bronze e prata. Me concentro nesse objeto amargamente familiar para não encarar Maven. Ele me traz para perto, puxando outra corrente que não consigo ver, apenas sentir.

Uma mão branca cerca meu punho ferido, quase gentil. Involuntariamente, meus olhos se voltam para o rosto dele, sem conseguir desviar. O sorriso é tudo menos doce. Fino e afiado como uma navalha, me perfurando com cada um dos dentes. Os olhos são ainda piores. Os olhos dela, de Elara. Antes eu os achava frios, feitos de gelo vivo. Agora compreendi. As chamas mais quentes ardem azuis, e os olhos dele não são exceção.

A sombra da chama. Maven flameja, mas a escuridão o corrói pelas beiradas. Há manchas pretas e azuladas ao redor de seus olhos injetados de sangue prateado. Ele não anda dormindo bem. Está mais magro do que me lembrava, mais franzino, mais cruel. Seu cabelo negro chega à altura das orelhas, enrolando nas pontas. Suas bochechas continuam suaves. Às vezes esqueço como ele é jovem. Como nós dois somos. Sob a veste simples, a marca do *M* arde na minha clavícula.

Maven vira rápido, segurando firme a corrente, me obrigando a acompanhar. Uma lua orbitando um planeta.

— Testemunhem esta prisioneira, esta vitória — ele diz, endireitando os ombros diante do vasto público à nossa frente. Trezentos prateados, no mínimo, entre nobres e civis, guardas e oficiais. Noto os sentinelas na minha visão periférica; seus uniformes flamejantes são um lembrete constante e doloroso da minha jaula, que encolhe cada vez

mais. Os guardas da Casa Arven também estão sempre por perto, com seus uniformes brancos ofuscantes e poderes silenciadores. Quase sufoco com a opressão de sua presença.

A voz do rei ecoa ao longo da opulenta Praça de César, reverberando por uma multidão que responde na mesma moeda. Deve haver microfones e alto-falantes em algum lugar para levar as palavras cortantes do rei para toda a cidade e o reino inteiro.

— Aqui está a líder da Guarda Escarlata, Mare Barrow. — Apesar da minha situação, quase dou risada. *Líder*. Apesar da morte de sua mãe, Maven continua mentindo. — Uma assassina, terrorista e grande inimiga do reino. Agora ela se ajoelha diante de nós, sangrando.

As correntes me puxam de novo, me fazendo cambalear para a frente. Estendo os braços para recuperar o equilíbrio. Mal reajo, mantendo o olhar baixo. Tanta ostentação. Meu corpo se enche de raiva e vergonha quando me dou conta do tamanho do mal que esse simples ato vai causar à Guarda Escarlata. Vermelhos em toda a Norta vão me ver como uma marionete de Maven e pensar que somos fracos, fracassados, indignos de sua atenção, esforço ou esperança. Nada poderia estar mais longe da verdade. Mas não há muito que eu possa fazer, não agora, não aqui, sujeita à misericórdia de Maven. Penso em Corvium, a cidade militar que vi em chamadas no caminho para o Gargalo. Houve revoltas depois da minha mensagem pela televisão. Será que foi o primeiro suspiro da revolução? Ou o último? Não tenho como saber. E duvido que alguém vá me trazer um jornal.

Há muito tempo, Cal me alertou contra a ameaça de guerra civil, antes de seu pai morrer, antes de ele próprio ficar sem nada além de uma garota elétrica e tempestuosa. *Revolta dos dois lados*, ele disse. Mas aqui, acorrentada diante da corte de Maven e de seu reino prateado, não vejo nenhuma divisão. Embora eu tenha mostrado para eles, falado da prisão de Maven, de seus entes queridos levados embora, de sua confiança traída por um rei e sua mãe, ainda sou a inimiga. Isso me faz querer gritar, mas sei que é melhor não. A voz de Maven sempre sairá mais alta do que a minha.

Será que meus pais estão assistindo? Pensar nisso me cobre de tristeza. Mordo o lábio com força para controlar as lágrimas. Sei que tem câmeras por perto, focadas no meu rosto. Mesmo que não consiga mais senti-las, eu sei. Maven não perderia a oportunidade de immortalizar minha derrota.

Eles estão prestes a me ver morrer?

A coleira diz que não. Por que se dar ao trabalho desse espetáculo se vai simplesmente me matar? Outra pessoa poderia sentir alívio, mas minhas entranhas gelam de pavor. Ele não vai me matar. Não. Sinto isso em seu toque. Seus dedos longos e pálidos ainda apertam meu punho, enquanto sua outra mão segura a coleira. Mesmo agora, quando sou dolorosamente sua, Maven não vai me soltar. Eu preferia a morte a esta jaula, à obsessão perversa de um jovem rei insano.

Lembro de seus bilhetes, todos terminando da mesma maneira.

Até nosso próximo encontro.

Ele continua falando, mas o volume de sua voz diminui na minha cabeça, como um zumbido se dissipando. Meus sentidos ficam todos em alerta. Observo por cima do ombro. Meu olhar percorre o grupo de cortesãos atrás de nós. Todos usam o preto do luto, orgulhosos e vis. Lord Volo da Casa Samos e seu filho, Ptolemus, estão esplêndidos em sua armadura escura polida, com faixas prateadas escamadas do ombro ao quadril. Ao ver Ptolemus, minha visão fica escarlate de fúria. Luto contra o impulso de pular e arrancar a pele de seu rosto. Perfurar seu coração como ele fez com meu irmão Shade. O desejo transparece, e Ptolemus tem a audácia de abrir um sorriso sarcástico para mim. Se não fosse pela coleira e pelos silenciadores restringindo tudo o que sou, eu transformaria seus ossos em vidro fumegante.

Não sei por quê, mas sua irmã, há tantos meses minha inimiga, não me olha. Com um vestido de cristais pretos perfurantes, Evangeline é, como sempre, a maior estrela dessa constelação violenta. Imagino que vá se tornar rainha em breve, tendo suportado o noivado com Maven por tempo demais. Seus olhos escuros estão fixos nas costas do rei, mais precisamente em sua nuca. Uma brisa sopra, agitando seus cabelos prateados como uma cortina cintilante e jogando-os para trás dos ombros, mas ela nem pisca. Só depois de um longo momento parece notar que a encaro. E, mesmo assim, seus olhos mal encontram os meus. Estão vazios. Não sou mais digna de sua atenção.

— Mare Barrow é minha prisioneira e vai enfrentar o julgamento da Coroa e do conselho. Ela precisa pagar por inúmeros crimes.

De que maneira?, me pergunto.

A multidão brada em resposta, aplaudindo a sentença. Eles são prateados “comuns”, sem ascendência nobre. Por mais que sinta prazer nas palavras de Maven, a corte não reage. Na verdade, alguns parecem sombrios, bravos, carrancudos — principalmente os membros da Casa Merandus, com seus trajes de luto cortados pelo azul-escuro das cores da rainha morta. Enquanto Evangeline me ignora, eles se concentram no meu rosto com uma intensidade perturbadora. Olhares de um azul abrasador vindos de todas as direções. Fico à espera de ouvir seus murmúrios na minha cabeça, uma dúzia de vozes como vermes escavando uma maçã podre. Mas há apenas silêncio. Talvez os oficiais da Casa Arven ao meu redor não sejam apenas carcereiros, mas protetores também, suprimindo minha habilidade e a de todos os outros contra mim. Ordens de Maven, imagino. Ninguém pode me ferir aqui.

Além dele.

Tudo dói. Ficar de pé, me mexer, pensar. Por causa da queda do jato, do sonador, do peso esmagador dos guardas silenciadores. E essas são apenas as feridas físicas. Hematomas. Fraturas. Dores que vão cicatrizar com o tempo. O mesmo não pode ser dito do resto. Meu irmão está morto. Sou prisioneira. E não sei o que realmente

aconteceu com meus amigos dias atrás quando fiz um pacto com o diabo. Cal, Kilorn, Cameron, meus irmãos Bree e Tramy. Quando os deixamos para trás na clareira, estavam feridos, imobilizados, vulneráveis. Maven pode ter mandado seus homens voltarem para terminar o que começou. Me sacrifiquei para salvar a vida deles e nem sei se deu certo.

Maven me responderia se eu perguntasse. Posso ver isso em seu rosto. Seus olhos encontram os meus após cada frase torpe, pontuando cada mentira dita a seus súditos bajuladores. Para garantir que estou vendo, prestando atenção, olhando para ele. Como o garoto imaturo que Maven é.

Não vou implorar. Não aqui. Não desta forma. Sou orgulhosa demais para isso.

— Minha mãe e meu pai morreram combatendo esses animais — ele continua. — Deram a vida para manter este reino intacto, para manter vocês em segurança.

Mesmo derrotada, não consigo deixar de encarar Maven, retribuindo sua chama com um resmungo de descrença. Nós dois lembramos muito bem da morte do pai dele. De seu assassinato. A rainha Elara usou seu poder para entrar no cérebro de Cal, transformando o querido herdeiro do rei em uma arma mortal. Eu e Maven acompanhamos enquanto Cal era obrigado a assassinar o próprio pai, cortando a cabeça do rei e eliminando qualquer chance que tinha de se tornar o futuro governante. Vi muitas cenas terríveis desde então, mas essa memória ainda me assombra.

Não lembro muito do que aconteceu com a rainha fora do presídio de Corros. O estado de seu corpo depois foi prova suficiente do que o raio é capaz de fazer com a carne humana. Sei que a matei, sem dúvida, remorso ou arrependimento, numa tempestade devastadora alimentada pela morte repentina de Shade. A última imagem clara que tenho da batalha é de meu irmão caindo, com o coração perfurado pela impiedosa agulha de aço de Ptolemus. Não sei como o irmão de Evangeline escapou da minha fúria cega, mas a rainha não teve a mesma sorte. Eu e o coronel fizemos questão de que o mundo soubesse o que tinha acontecido com ela e exibimos seu cadáver em uma transmissão televisiva.

Queria que Maven tivesse parte da habilidade dela, para poder vasculhar minha cabeça e saber exatamente que tipo de fim dei à sua mãe. Queria que sentisse a dor da perda de forma tão terrível quanto sinto.

Seus olhos estão voltados para mim quando termina seu discurso decorado, a mão estendida para exibir melhor a corrente que me prende a ele. Cada gesto faz parte de seu teatro ensaiado.

— Juro que farei o mesmo. Colocarei um ponto final na Guarda Escarlata e em monstros como Mare Barrow ou morrerei tentando.

Então morra, quero gritar.

O estrondo da multidão abafa meus pensamentos. Centenas aplaudem o rei e sua tirania. Chorei na caminhada pela ponte, diante de tantos que me culpavam pela morte

de seus entes queridos. Ainda consigo sentir as lágrimas secando no rosto. Agora quero chorar de novo, mas de raiva, não de tristeza. Como podem acreditar nisso? Vão mesmo engolir essas mentiras?

Feito uma boneca, sou tirada de vista. Com a pouca força que me resta, viro o pescoço à procura de câmeras. *Olhem para mim*, imploro. *Vejam como ele mente*. Meu maxilar fica tenso e meus olhos se estreitam, refletindo o que torço para ser um retrato de resistência, revolta e fúria. *Sou a garota elétrica. Sou a tempestade*. Parece mentira. A garota elétrica está morta.

Mas é a última coisa que posso fazer pela causa e pelas pessoas que amo que ainda estão lá fora. Elas não vão me ver fraquejar neste último momento. Não, eu vou continuar de pé. E, embora não saiba como, tenho que continuar lutando, mesmo aqui, na barriga do monstro.

Outro puxão me obriga a virar de frente para a corte. Prateados frios me encaram de volta, as peles com leves tons de azul, preto, roxo e cinza, desprovidas de vida, com aço e diamante correndo nas veias em vez de sangue. Não focam em mim, mas no próprio Maven. Neles, encontro minha resposta. Neles, vejo a ânsia.

Por uma fração de segundo, sinto pena do rei menino, solitário no trono. Então, bem no fundo, sinto o sopro ousado da esperança.

Ah, Maven. Em que confusão você foi se meter.

Nem consigo imaginar quem vai atacar primeiro.

A Guarda Escarlata ou os nobres dispostos a cortar a garganta de Maven e tirar dele tudo pelo que sua mãe morreu.

Assim que subimos os degraus de Whitefire, o rei entrega minha coleira para um guarda da Casa Arven, se afastando em direção ao largo salão de entrada do palácio. Estranho. Maven estava obcecado por me ter de volta, por me colocar em sua jaula, mas agora deixa minhas correntes de lado sem nem olhar. *Covarde*, digo a mim mesma. Ele não é capaz de me encarar sem o espetáculo.

— Você honrou sua promessa? — pergunto, sem ar. Minha voz soa rouca pelos dias sem uso. — É um homem de palavra?

Ele não responde.

O resto da corte surge atrás de nós. Suas linhas e fileiras são baseadas nos meandros complexos de status e hierarquia. Só eu estou deslocada, a primeira a seguir o rei, andando alguns passos atrás dele, onde estaria a rainha. Eu não poderia estar mais longe desse título.

Olho para o maior dos meus carcereiros na esperança de ver algo além de lealdade cega. Ele usa um uniforme branco grosso, à prova de balas, fechado até a garganta. As luvas são cintilantes, não de seda, mas de borracha. Estremeço. Apesar de seu poder silenciador, os Arven não vão correr nenhum risco comigo. Mesmo se eu conseguisse

soltar uma faísca apesar de seu massacre contínuo, as luvas protegeriam suas mãos para que me mantivessem encoleirada, acorrentada, enjaulada. O grande Arven não olha para mim; seus olhos estão focados mais à frente enquanto morde o lábio, concentrado. O outro parece exatamente igual, andando do meu outro lado numa sincronia perfeita com seu irmão ou primo. As cabeças raspadas brilham e me lembro de Lucas Samos. Meu guarda gentil, meu amigo, que foi executado porque eu existia e o usei. Tive sorte na época, quando Cal deixou um prateado bondoso para me vigiar. Então me dou conta de que tenho sorte agora. É mais fácil matar guardas indiferentes.

Eles precisam morrer. De alguma forma. Para que eu possa fugir, para que recupere meu poder, eles são os primeiros obstáculos. O resto é fácil de adivinhar. Os sentinelas de Maven, os outros guardas e oficiais posicionados por todo o palácio e, claro, o próprio rei. Só vou sair daqui por cima do seu cadáver — ou do meu.

Fico pensando em matá-lo. Enrolar minha corrente em volta do seu pescoço e apertar até tirar a vida de seu corpo. Isso me ajuda a ignorar o fato de que cada passo que dou me leva mais para dentro do palácio, sobre o mármore branco, passando as altíssimas paredes douradas, sob uma dezena de lustres com luzes de cristal esculpidas em forma de chamas. Tudo tão bonito e frio como me lembro. Uma prisão com cadeados de ouro e barras de diamante. Ao menos não vou ter que enfrentar o obstáculo mais violento e perigoso de todos. A rainha está morta. Mesmo assim, sinto um calafrio ao lembrar dela. Elara Merandus. Seu fantasma me assombra. Certa vez ela despedaçou minhas memórias. Agora se transformou numa delas.

Uma figura de armadura atravessa meu olhar fixo, passando pelos guardas para se colocar entre mim e o rei. Ele acompanha nosso passo como um guardião obstinado, embora não use o uniforme ou a máscara dos sentinelas. Vai ver sabe que estou pensando em estrangular Maven. Mordo o lábio, me preparando para a dor aguda do ataque de um murmurador.

Mas não, ele não é da Casa Merandus. Sua armadura é de obsidiana escura, seu cabelo é prateado e sua pele é branca como a lua. Quando volta os olhos para mim por cima do ombro, noto que são vazios e pretos.

Ptolemus.

Avanço com os dentes, sem saber o que estou fazendo, sem me importar. Só quero deixar minha marca. Me pergunto se o gosto do sangue prateado é diferente do vermelho.

Mas não descubro.

A coleira me puxa para trás, com tanta violência que minha coluna faz um arco e caio no chão. Com um pouco mais de força, eu teria quebrado o pescoço. A pancada do crânio no mármore me deixa tonta, mas não o suficiente para me manter no chão. Tento levantar, estreitando os olhos em direção às pernas da armadura de Ptolemus, que agora vira para me encarar. Mais uma vez, ataco e, mais uma vez, a coleira me puxa

para trás.

— Basta — Maven sibila.

Ele para sobre mim, detendo-se para observar minhas tentativas fracas de me vingar de Ptolemus. O resto da procissão também para; prateados se aglomeram para assistir à rata vermelha se debatendo em vão.

A coleira parece ficar mais apertada e engulo em seco, levando a mão à garganta.

Maven mantém os olhos no metal.

— Evangeline, eu disse *basta*.

Apesar da dor, viro para vê-la atrás de mim, com um punho cerrado ao lado do corpo. Assim como Maven, ela fita a minha coleira, que agora pulsa. Deve bater no ritmo do coração dela.

— Deixe que eu a solte — ela diz. Acho que ouvi mal. — Deixe que eu a solte aqui e agora. Dispense os guardas e vou matar essa garota, com seus poderes e tudo.

Rosno de volta, como o monstro que pensam que sou.

— Tente — digo a ela, desejando com todo o coração que Maven concorde. Apesar dos machucados, dos dias de silêncio e dos anos de inferioridade em relação à magnetron, quero ver o que ela tem a oferecer. Já a derrotei uma vez. Posso fazer isso de novo. No mínimo, é uma chance. Melhor do que eu esperava.

Os olhos de Maven passam da coleira para sua noiva, e seu rosto se fecha, tenso e ardente. Vejo muito da antiga rainha nele.

— Você está questionando as ordens do rei, Lady Evangeline?

Os dentes dela brilham entre os lábios pintados de roxo. A máscara de boas maneiras da corte ameaça cair, mas antes que possa dizer algo realmente condenatório, seu pai se move um pouco, enlaçando o braço no dela. A mensagem é clara: *Obedeça*.

— Não — ela resmunga, querendo dizer *sim*, então curva o pescoço e inclina a cabeça. — Majestade.

A coleira afrouxa, voltando ao tamanho normal em volta do meu pescoço. Talvez até mais frouxa do que antes. É uma pequena bênção que Evangeline não seja tão meticulosa quanto tenta parecer.

— Mare Barrow é uma prisioneira da Coroa e a Coroa vai fazer com ela o que achar necessário — Maven diz, não apenas à sua noiva impulsiva. O rei passa os olhos pelo restante da corte, deixando suas intenções claras. — A morte é um destino bom demais para ela.

Um rumor baixo reverbera entre os nobres. Alguns parecem se opor, mas muitos concordam. *Que estranho*. Pensei que todos quisessem me executar da pior maneira possível e me pendurar para alimentar os abutres, exaurindo todo o terreno que a Guarda Escarlata ganhou. Mas imagino que queiram algo pior para mim.

Pior que a morte.

Foi o que Jon me disse antes. Quando viu o que o futuro me guardava, aonde meu

caminho me levaria. Ele sabia que isso estava por vir. E então contou ao rei. Comprou um lugar ao lado dele às custas da vida do meu irmão e da minha liberdade.

Eu o encontro na multidão, longe dos outros. Seus olhos estão vermelhos e pálidos, e seu cabelo prematuramente grisalho está preso num rabo de cavalo bem-feito. Outro sanguenovo de estimação de Maven Calore, ainda que sua coleira não seja visível. Jon ajudou Maven a nos impedir de salvar uma legião de crianças antes mesmo que tentássemos. Contou a Maven sobre nossos caminhos e nosso futuro. Me entregou como um presente para o rei menino. Traiu todos nós.

Jon agora me encara. Não espero um pedido de desculpas pelo que fez e não recebo um.

— E o interrogatório? — diz uma voz que não reconheço à minha esquerda. Reconheço o rosto.

Samson Merandus. Um lutador de arena, um murmurador feroz, primo da rainha morta. Ele abre caminho até mim e não consigo conter um calafrio. Em outra vida, eu o vi fazer um oponente se apunhalar até a morte na arena. Kilorn estava sentado ao meu lado, vendo, torcendo, aproveitando o que não sabia serem suas últimas horas de liberdade. Então seu mestre morreu e todo o nosso mundo veio abaixo. Nossos caminhos mudaram. Agora estou caída sobre o mármore impecável, com frio e sangrando. Sou menos que um cachorro aos pés de um rei.

— Ela é boa demais para um interrogatório, majestade? — Samson continua, estendendo a mão fria na minha direção. Ele segura meu queixo, me obrigando a erguer os olhos. Luto contra o impulso de mordê-lo. Não preciso dar outra desculpa para Evangeline me sufocar. — Pense no que ela já viu. No que sabe. É a líder deles e a chave para desvendar essa espécie maldita.

Ele está errado, mas mesmo assim o sangue lateja em meu peito. Sei o bastante para causar muito estrago. Tuck passa diante de meus olhos, assim como o coronel e os gêmeos de Montfort. A infiltração das legiões. As cidades. Os assobiadores por todo o país, levando refugiados à segurança. Segredos preciosos guardados com cuidado e prestes a serem revelados. Quantas pessoas meu conhecimento vai colocar em risco? Quantas vão morrer depois que me interrogarem?

E essas são apenas informações militares. Piores ainda são as partes sombrias da minha mente. Os cantos onde escondo meus piores demônios. Maven está entre eles. O príncipe de que eu me lembrava, o qual amava e desejava que fosse real. E Cal. O que fiz para continuar com ele, o que ignorei e as mentiras que conto a mim mesma quanto à sua lealdade. Minha vergonha e meus erros me consomem, me corroem por dentro. Não posso permitir que Samson — ou Maven — veja essas coisas.

Por favor, quero implorar. Meus lábios não se movem. Por mais que odeie Maven, por mais que queira vê-lo sofrer, sei que ele é minha melhor chance. Mas ser misericordioso diante de seus mais fortes aliados e piores inimigos só vai enfraquecer

um rei já vacilante. Então continuo em silêncio, tentando ignorar a mão de Samson no meu queixo e me concentrar no rosto de Maven.

Seus olhos encontram os meus por um instante ao mesmo tempo muito longo e muito breve.

— Vocês já sabem suas ordens — ele diz bruscamente, apontando para os guardas.

O aperto deles é firme mas não agressivo enquanto me levantam, usando mãos e correntes para me levar para longe do bando. Deixo todos para trás. Evangeline, Ptolemus, Samson e Maven.

O rei dá meia-volta, seguindo na direção oposta, rumo a seu último recurso para se aquecer.

Um trono de chamas congeladas.

DOIS

Mare



NUNCA FICO SOZINHA.

Os carcereiros não saem. Há sempre dois deles, de vigia, mantendo o que sou silenciado e suprimido. Eles não precisam de nada além de uma porta trancada para me manter prisioneira. Não que eu consiga me aproximar dela sem ser arrastada de volta ao centro do quarto. São mais fortes do que eu e estão sempre alertas. O único jeito de escapar de seus olhos é ir ao banheiro, um pequeno cômodo de ladrilhos brancos e torneiras douradas, com uma fileira repulsiva de Pedras Silenciosas no chão. Há blocos cinza perolados suficientes para fazer minha cabeça latejar e minha garganta fechar. Preciso ser rápida lá dentro e aproveitar cada segundo sufocante. A sensação me faz lembrar do poder de Cameron. Ela consegue matar alguém com a força de seu silêncio. Por mais que eu odeie a vigília constante dos guardas, não correria o risco de sufocar no banheiro só por mais alguns minutos de paz.

É engraçado, mas antes eu achava que meu maior medo era ficar sozinha. Agora nunca fico só e nunca estive tão aterrorizada.

Faz quatro dias que não sinto minha eletricidade.

Cinco.

Seis.

Dezessete.

Trinta e um.

Risco os dias no rodapé perto da cama com um garfo. É uma sensação boa deixar minha marca, infligir um pequeno ferimento na minha prisão no Palácio de Whitefire. Os Arven não se importam. Eles me ignoram na maior parte do tempo, concentrados no silêncio total e absoluto. Continuam em posição perto da porta, sentados como estátuas com olhos vivos.

Este não é o mesmo quarto em que dormi da outra vez em que estive em Whitefire. Obviamente não seria adequado abrigar uma prisioneira real no mesmo lugar que uma noiva real. Mas tampouco estou numa cela. Minha jaula é confortável e bem mobiliada, com uma cama macia, uma estante estocada de livros chatos, algumas cadeiras, uma

mesa e até cortinas elegantes, tudo em tons de cinza, marrom e branco. Uma suíte esvaziada de cor, assim como estou esvaziada de poder.

Aos poucos, me acostumo a dormir sozinha, mas os pesadelos me atormentam sem Cal para mantê-los longe. Não tenho ninguém que se importe comigo. Toda vez que acordo, toco os brincos que pontuam minha orelha, nomeando cada pedra. Bree, Tramy, Shade, Kilorn. Irmãos de sangue e de coração. Três vivos, um fantasma. Queria ter um brinco para fazer par com o que dei para Gisa, assim teria um pedaço dela também. Sonho com minha irmã às vezes. Nada concreto, mas lampejos de seu rosto, de seu cabelo vermelho, escuro como sangue derramado. Suas palavras me assombram mais que tudo. *Um dia as pessoas virão aqui e tomarão tudo o que você tem.* Ela tinha razão.

Não há espelhos, nem mesmo no banheiro. Sei o que este lugar está fazendo comigo. Apesar das refeições reforçadas e da ociosidade, meu rosto está ficando mais fino. Meus ossos machucam minha pele conforme vou definhando, mais afiados do que nunca. Não há muito o que fazer além de dormir ou ler um dos volumes do código tributário de Nortá; mesmo assim, a exaustão se instalou dias atrás. Hematomas surgem a cada toque. E a coleira parece quente, ainda que eu passe os dias com frio e tremendo. Talvez seja febre. Posso estar morrendo.

Não que eu tenha alguém para confirmar isso. Mal falo. As portas se abrem para comida e água e para a troca dos carcereiros, nada mais. Nunca vejo criados vermelhos, embora ainda devam existir. São os Arven que pegam a comida, os lençóis e as roupas deixados do lado de fora e os trazem até mim. Eles também limpam o lugar, de cara amarrada por realizar uma tarefa tão baixa. Imagino que deixar um vermelho entrar no meu quarto seja perigoso demais. Isso me faz sorrir. Significa que a Guarda Escarlata ainda é uma ameaça, o suficiente para garantir um protocolo tão rígido, que me isola de qualquer outro vermelho.

Mas nem os prateados se aproximam. Ninguém vem zombar ou tripudiar da garota elétrica. Nem mesmo Maven.

Os Arven não conversam comigo. Não me dizem seus nomes. Então invento. Tigrina, a velha mais baixa do que eu, com um rosto pequenino e olhos alertas e aguçados. Ovo, com sua cabeça redonda, branca e careca. Trio tem três linhas tatuadas no pescoço, como o arranhão de garras perfeitas. E Trevo, de olhos verdes, uma menina mais ou menos da minha idade, resoluta em seus deveres. É a única que tem coragem de me olhar nos olhos.

Quando soube que Maven me queria de volta, fiquei à espera de dor ou trevas, ou um pouco dos dois. Mais que isso, esperava sofrer meu tormento sob seu olhar ardente. Mas não houve nada desde que cheguei e fui obrigada a ajoelhar. Naquele dia, ele disse que ia exhibir meu corpo para todo mundo ver. Mas não veio nenhum executor. Nenhum murmurador como Samson Merandus ou a rainha morta invadiu minha cabeça

e revelou meus pensamentos. Se esta é minha punição, é bem entediante. Maven anda sem criatividade.

As vozes na minha cabeça continuam. São tantas, tantas lembranças. Cortam como o fio de uma espada. Tento aliviar a dor com livros maçantes, mas as palavras voam diante de meus olhos, e as letras se reorganizam para formar o nome das pessoas que deixei para trás. Vivas ou mortas. E Shade está em toda parte.

Ptolemus pode ter matado meu irmão, mas fui eu quem o colocou nesse caminho. Porque fui egoísta, pensando que era uma espécie de salvadora. Porque, de novo, depusitei minha confiança em quem não deveria e lidei com a vida das pessoas como se fosse um jogo de cartas. *Mas você invadiu uma prisão. Soltou muita gente. E salvou Julian.*

Um pensamento frágil e um consolo mais frágil ainda. Sei agora qual foi o preço do que aconteceu no presídio de Corros. Todos os dias tenho que aceitar o fato de que, se pudesse voltar atrás, não o pagaria de novo. Nem por Julian nem por cem sangüenovos vivos. Não salvaria nenhum deles se custasse a vida de Shade.

E, no final, deu na mesma. Maven tinha me pedido para voltar meses antes, suplicando a cada bilhete manchado de sangue. Ele esperava me comprar com cadáveres. Eu achava que nunca toparia uma troca dessas, nem por mil vidas inocentes. Agora, queria ter obedecido há muito tempo. Antes que ele pensasse em atacar as pessoas que amo, sabendo que eu tentaria salvá-las. Sabendo que eu só faria um acordo por Cal, Kilorn e minha família. Pela vida deles, abri mão de tudo.

Acho que Maven sabe que é melhor não me torturar. Nem mesmo com o sonador, uma máquina feita para usar meus raios contra mim e me despedaçar, nervo a nervo.

Minha agonia é inútil para ele. Sua mãe lhe ensinou bem. Meu único consolo é saber que o jovem rei está sem a cruel manipuladora de marionetes. Enquanto sou mantida aqui, vigiada dia e noite, ele está sozinho no controle de um reino, sem Elara Merandus para guiá-lo e protegê-lo.

Faz um mês que não sinto ar fresco e quase o mesmo tempo que não vejo nada além do interior do meu quarto e da vista estreita que minha única janela oferece.

Ela dá para o jardim de um pátio, há muito morto agora no fim do outono. As árvores foram manipuladas pelos verdes. Deviam ser maravilhosas com folhas, uma coroa verdejante de flores e galhos espiralados. Mas, sem nada, os carvalhos, elmos e faias nodosos se curvam em garras; seus dedos secos e mortos raspam uns nos outros, feito ossos. O pátio está abandonado, esquecido. Assim como eu.

Não, resmungo para mim mesma.

Os outros vão vir atrás de mim.

Ouso ter esperança. Sinto um frio na barriga toda vez que a porta abre. Por um momento, espero ver Cal, Kilorn, Farley ou Nanny usando o rosto de outra pessoa. O coronel, até. Agora, eu choraria se visse seu olho escarlata. Mas ninguém vem me

buscar. Ninguém virá.

É cruel ter esperança quando não há nenhuma.

E Maven sabe disso.

Enquanto o sol se põe no trigésimo primeiro dia, entendo o que pretende fazer.

Ele quer que eu apodreça. Esmoreça. Seja esquecida.

Lá fora, os flocos da primeira neve caem do céu cor de ferro. O vidro é frio ao toque, mas se recusa a congelar.

Eu também.

A neve é perfeita sob a luz da manhã, uma crosta branca decorando árvores nuas. Até a tarde, vai ter derretido. Pela minha contagem, hoje é 11 de novembro. Uma época fria, cinzenta e morta entre o outono e o inverno. A neve de verdade só vai se instalar no fim do mês.

Em casa, pulávamos da varanda para os montes de neve, mesmo depois que Bree quebrou a perna ao cair numa pilha de lenha soterrada. Custou a Gisa o salário de um mês inteiro curá-lo, e tive que roubar a maioria dos materiais de que o “médico” precisava. Isso aconteceu no inverno antes de meu irmão ser recrutado, a última vez em que toda a família esteve reunida. E agora nunca estaremos todos juntos de novo.

Minha mãe e meu pai estão com a Guarda. Gisa e meus irmãos também. *Estão seguros. Estão seguros. Estão seguros.* Repito isso toda manhã. É um consolo, mesmo que talvez não seja verdade.

Devagar, afasto meu prato de café da manhã. Conheço bem o mingau doce, a fruta e a torrada, e não me servem de consolo.

— Terminei — digo, por força do hábito, sabendo que ninguém vai responder.

Tigrina surge ao meu lado, olhando com desprezo para a comida deixada pela metade. Pega o prato como se fosse um inseto, segurando-o longe, e o leva até a porta. Ergo os olhos rápido, na esperança de ter um mero vislumbre da antessala. Está vazia, como sempre, e meu coração se aperta. Tigrina joga o prato no chão com um estrépito, talvez o quebrando, mas não se importa. Algum criado vai limpar. A porta se fecha, e ela volta ao seu lugar. Trio ocupa a outra cadeira, com os braços cruzados, me encarando sem piscar. Consigo sentir o poder de ambos. Parece um lençol apertado demais, mantendo meus raios presos e ocultos, tão longe que nem chego perto de alcançá-los. Dá vontade de arrancar minha própria pele.

Odeio isso. Odeio isso.

Odeio. Isso.

Crac.

Jogo o copo contra a parede oposta, derramando água e deixando que manche o cinza horrível. Os guardas nem piscam. Faço isso com frequência.

E ajuda. Por um minuto. Talvez.

Sigo a programação de sempre, aquela que desenvolvi ao longo do último mês de cativo. Acordo. Me arrependo na hora. Recebo o café da manhã. Perco o apetite. Peço que levem a comida embora. Me arrependo na hora. Jogo a água fora. Me arrependo na hora. Tiro as roupas de cama. Às vezes rasgo os lençóis, às vezes aos berros. Me arrependo na hora. Tento ler. Olho pela janela. Olho pela janela. Olho pela janela. Recebo o almoço. Faço tudo de novo.

Sou uma garota muito ocupada.

Ou deveria dizer “mulher”?

Dezoito anos é uma divisão arbitrária entre a adolescência e a vida adulta. Eu os completei semanas atrás, em 17 de novembro. Não que alguém saiba ou tenha notado. Duvido que os Arven se importem que eu esteja um ano mais velha. Apenas uma pessoa neste palácio-prisão se importaria. E ele não me visita, para meu alívio. É a única felicidade que tenho. Sou mantida aqui, cercada pelas piores pessoas que conheço, mas não preciso sofrer com a presença dele.

Até hoje.

O silêncio absoluto ao meu redor se despedaça, não com uma explosão, mas com um estalo. O velho giro da chave na fechadura. Fora de horário, sem aviso. Ergo a cabeça com o som, assim como os Arven, que perdem a concentração com a surpresa. Adrenalina corre pelas minhas veias, movida pelo meu coração, que de repente bate forte. Em uma fração de segundo, ousa ter esperança de novo. Sonho com quem poderia estar do outro lado da porta.

Meus irmãos. Farley. Kilorn.

Cal.

Quero que seja Cal. Quero que seu fogo consuma totalmente este lugar e estas pessoas.

Mas não reconheço o homem do outro lado da porta. Só as roupas me são familiares — uniforme preto, detalhes prateados. Um agente de segurança, sem nome e sem importância. Ele segura a porta aberta com as costas. A maior parte de seu corpo fica do lado de fora.

Os Arven se levantam de um salto, tão surpresos quanto eu.

— O que você está fazendo? — Trio pergunta. É a primeira vez que ouço sua voz.

Tigrina segue o protocolo, ficando entre mim e o agente. Outra explosão de silenciamento me atinge, alimentada pelo medo e pela confusão dela. É como uma onda corroendo os resquícios de força que ainda tenho. Me seguro na cadeira, porque não quero cair na presença de outras pessoas.

O agente de segurança não diz nada, só olha fixo para o chão. Esperando.

Ela entra, com um vestido feito de agulhas. Seu cabelo prateado foi trançado com pedras preciosas, como a coroa que anseia por usar. Estremeço com a visão dela, perfeita, fria e afiada, com a postura de uma rainha, ainda que sem o título. Porque ela

ainda não é rainha. Posso perceber.

— Evangeline — murmuro, tentando esconder o tremor na voz, tanto pelo medo como pela falta de uso. Seus olhos pretos passam por mim com toda a ternura de um chicote estalando. Da cabeça aos pés e dos pés à cabeça, tomando nota de todas as imperfeições, todas as fraquezas. Sei que são muitas. Finalmente, seu olhar pousa na minha coleira e nas farpas de metal. Seu lábio se curva de repulsa e vontade. Como seria fácil para ela voltar as pontas da coleira para minha garganta e me fazer sangrar até a morte.

— Lady Samos, a senhorita não tem permissão de entrar aqui — diz Tigrina, ainda entre nós. Fico surpresa com sua audácia.

Evangeline volta os olhos para minha guarda com um desprezo crescente.

— Acha que eu desobedeceria o rei, meu noivo? — Ela força uma risada fria. — Estou aqui sob ordens dele. O rei exige a presença da prisioneira na corte. Agora.

Cada palavra arde. Um mês de aprisionamento de repente parece muito pouco. Parte de mim quer se agarrar à mesa e obrigar Evangeline a me arrastar para fora da minha jaula. Mas nem o isolamento destruiu meu orgulho. Ainda não.

E nunca vai destruir, lembro a mim mesma. Então me levanto nas pernas fracas, com as articulações doloridas e as mãos trêmulas. Um mês atrás ataquei o irmão de Evangeline com pouco além dos dentes. Tento invocar aquela energia como posso, ao menos para me erguer.

Tigrina se mantém firme, imóvel. Sua cabeça se volta para Trio.

— Não fomos informados. Esse não é o protocolo.

Evangeline volta a rir, exibindo os dentes brancos e brilhantes. Seu sorriso é belo e violento como uma faca.

— Você está me desautorizando, guarda Arven? — Enquanto fala, suas mãos passam pelo vestido, alisando o tecido em meio à floresta de agulhas. Partes dele grudam em Evangeline como um ímã, e de repente sua mão está cheia de agulhas. Ela segura os pedaços de metal na mão, paciente, esperando com uma sobrelha arqueada. Os Arven sabem que é melhor não estender seu silêncio esmagador para uma filha da Casa Samos, ainda mais a futura rainha.

A dupla troca olhares, visivelmente discordando. Trio franze a sobrelha e olha feio. Finalmente, Tigrina suspira alto e dá um passo para o lado, se afastando.

— Uma escolha que nunca vou esquecer — Evangeline murmura.

Me sinto exposta, sozinha diante de seus olhos penetrantes, apesar dos outros observando. Evangeline me conhece, sabe o que sou, do que sou capaz. Quase a matei no Ossário, mas ela fugiu, com medo de mim e do meu poder. Definitivamente não está com medo agora.

Decidida, dou um passo à frente. Na direção dela. Na direção do vazio abençoado que a cerca, permitindo que seu poder flua. Mais um passo. Rumo ao ar livre, à

eletricidade. Será que vou sentir na mesma hora? Será que vai voltar com tudo? Precisa voltar. Precisa.

Mas Evangeline mostra todo o seu escárnio num sorriso. Ela também dá um passo, para trás, e eu quase rosno.

— Não tão rápido, Barrow.

É a primeira vez que a ouço dizer meu nome verdadeiro.

Evangeline estala os dedos, apontando para Tigrina.

— Levem-na.

Eles me arrastam como fizeram no dia em que cheguei, com uma corrente presa à coleira. Quem a segura firme é Tigrina. Ela e Trio continuam me silenciando, e sinto seu poder como um tambor dentro do crânio. A caminhada por Whitefire parece se estender por quilômetros, e avançamos devagar. Como da outra vez, não estou vendada. Não há motivo para isso.

Reconheço mais e mais conforme nos aproximamos do nosso destino, cortando por passagens e galerias que explorei livremente vidas atrás. Na época em que não sentia necessidade de diferenciá-las. Agora, faço o possível para mapear o lugar na cabeça. Preciso conhecer a planta se pretendo sair daqui viva. Meu quarto dá para o leste e fica no quinto andar; sei disso porque contei as janelas. Lembro que Whitefire é composto por quadrados interligados, com cada ala cercando um pátio como o que vejo do meu quarto. A vista das janelas altas e arqueadas se altera a cada novo corredor. O jardim de um pátio, a Praça de César, as longas extensões do campo de treinamento onde Cal se exercitava com seus soldados, as muralhas distantes e a ponte de Archeon reconstruída mais além. Não passamos pelos cômodos onde encontrei o caderno de Julian, onde assisti a fúria de Cal e a conspiração silenciosa de Maven. Fico surpresa com a quantidade de memórias que o palácio guarda, apesar do curto tempo que passei aqui.

Passamos por um bloco de janelas que dá para o oeste, para os quartéis, o rio Capital e a outra metade da cidade além dele. O Ossário se localiza entre os prédios; sua silhueta enorme me é familiar demais. Conheço esta vista. Parei diante destas janelas junto com Cal. Menti para ele, sabendo do ataque que aconteceria naquela noite. Mas não antevia o que aquilo nos causaria. Cal sussurrou que queria que as coisas fossem diferentes. Sinto o mesmo.

As câmeras devem seguir nosso avanço, mas não consigo mais senti-las. Evangeline não diz nada enquanto descemos para o andar principal com os oficiais atrás dela, uma revoada de pássaros negros atrás de um cisne de metal. Música ecoa de algum lugar. Pulsa como um coração inchado e pesado. Nunca a ouvi antes, nem no baile a que fui nem durante as aulas de dança com Cal. Tem vida própria, é sombria, perversa e estranhamente convidativa. À minha frente, os ombros de Evangeline ficam tensos.

O andar está estranhamente vazio, com apenas alguns guardas posicionados ao longo dos corredores. Guardas comuns, não os sentinelas, que devem estar com Maven. Evangeline não vira à direita, como eu esperava, para entrar na sala do trono pelas portas grandiosas e arqueadas. Ela avança e todos nós a seguimos, entrando em outro cômodo que conheço bem demais.

A câmara do conselho. Um círculo perfeito de mármore e madeira polida. Cadeiras ladeiam as paredes, e o selo de Norta, a coroa flamejante, domina o piso ornamentado. Vermelha, preta e prateada, com pontas de chamas explosivas. Quase tropeço ao ver aquilo e preciso fechar os olhos. Tigrina me arrastaria pelo salão se eu caísse, não tenho dúvidas. Eu deixaria que o fizesse com o maior prazer só para não ter que ver este lugar. Foi onde Walsh morreu. Seu rosto lampeja na minha mente. Ela foi caçada feito um coelho. E foram os lobos que a capturaram — Evangeline, Ptolemus, Cal. Eles a encontraram nos túneis sob Archeon, enquanto seguia as ordens da Guarda Escarlate. Arrastaram-na para cá e a entregaram à rainha Elara para interrogatório. Não deu em nada. Porque Walsh se matou. Engoliu um comprimido letal na frente de todos, para proteger os segredos da Guarda Escarlate. Para me proteger.

Quando o volume da música triplica, abro os olhos novamente.

A câmara do conselho ficou para trás, mas o que vejo diante de mim consegue ser pior.

TRÊS

Mare



A MÚSICA DANÇA NO AR, cortada pelo cheiro doce e enjoativo de álcool que permeia cada centímetro da magnífica sala do trono. Saímos para uma plataforma elevada, um pouco acima do piso da câmara, possibilitando uma vista grandiosa da festa estridente antes de notarem nossa presença.

Passo os olhos de um lado para o outro, ansiosa, na defensiva, vasculhando todos os rostos e todas as sombras à procura de oportunidades ou perigo. Seda, pedras preciosas e lindas armaduras cintilam sob a luz de uma dezena de lustres, criando uma constelação humana que se move sobre o piso de mármore. Depois de um mês de cárcere, a visão é um ataque aos meus sentidos, mas absorvo tudo, sedenta. Tantas cores, tantas vozes, tantos nobres conhecidos. Ninguém me nota ainda. Seus olhos não me seguem. Estão concentrados uns nos outros, nas taças de vinho e nos licores multicoloridos, no ritmo agitado, na fumaça perfumada ondulando pelo ar. Deve ser uma comemoração extravagante, mas não faço ideia do motivo.

Naturalmente, meus pensamentos disparam. Terá sido uma vitória? Contra Cal, contra a Guarda Escarlata? Ou ainda estão celebrando minha captura?

Basta olhar para Evangeline para encontrar a resposta. Nunca a vi fazer essa careta, nem mesmo para mim. Seu olhar de desprezo felino se fecha, disforme, furioso, cheio de uma raiva que nem consigo imaginar. Seus olhos escurecem como dois buracos negros, absorvendo a visão de seu povo no ápice da felicidade.

Ou, me dou conta, no ápice da ignorância.

Com um comando, uma rajada de criados vermelhos sai da parede oposta e percorre a câmara em uma formação treinada. Eles carregam bandejas com cálices de cristal cheios de líquidos luminosos da cor do rubi, do ouro e do diamante. Quando terminam de atravessar a massa de gente, as bandejas estão vazias. Elas voltam a ser enchidas rapidamente, eles passam de novo pelos convidados e as bandejas se esvaziam. Não faço ideia de como alguns prateados ainda estão em pé. Eles continuam em sua folia, conversando ou dançando com copos na mão. Algumas baforadas de cachimbos ornamentados deixam nuvens de fumaça estranhamente coloridas no ar. Não têm o cheiro do tabaco que muitos anciãos em Palafitas sopravam com esmero. Invejo as faíscas em seus cachimbos, cada uma é uma pontada de luz.

Pior é ver os criados vermelhos. Eles me fazem sofrer. O que não daria para tomar seu lugar. Ser apenas uma criada em vez de prisioneira. *Idiota*, me repreendo. *Eles também estão presos. Assim como todos seus semelhantes. Encurralados pelos prateados, mesmo que alguns tenham mais espaço para respirar.*

Por causa dele.

Evangeline desce da plataforma e os Arven me obrigam a ir atrás. A escada nos leva direto para o tablado, alto o bastante para demonstrar sua importância máxima. E, claro, há uma dúzia de sentinelas parados ali, mascarados e armados, aterrorizantes em todos os aspectos.

Fico à espera dos tronos de que me lembro. Chamas de cristais de diamante no assento do rei, safira e ouro branco polido no da rainha. Em vez disso, Maven está sentado no mesmo trono de que o vi se levantar um mês atrás, quando me exibiu acorrentada diante do mundo.

Sem pedras ou metais preciosos. Apenas blocos de pedra cinza entrançados com algo brilhante, sem curvas e sem insígnia nenhuma. Parece frio ao toque e desconfortável, além de terrivelmente pesado. Deixa o rei pequeno, fazendo com que pareça mais jovem. Parecer poderoso torna alguém poderoso. Aprendi essa lição com Elara, mas Maven não. Ele parece o menino que é, nitidamente pálido contra o uniforme preto; suas únicas cores são o revestimento vermelho-sangue da capa, um tumulto prateado de medalhas e o azul arrepiante dos olhos.

O rei Maven da Casa Calore me olha nos olhos assim que percebe que estou aqui.

O instante perdura, suspenso num fio do tempo. Um desfiladeiro de distrações se abre entre nós, repleto de tanto barulho e caos, mas é como se o salão estivesse vazio.

Eu me pergunto se Maven nota a diferença em mim. O resultado do enjoo, da dor, da tortura que é ficar numa prisão silenciosa. Provavelmente sim. Seu olhar desliza das minhas maçãs do rosto pronunciadas para minha coleira, descendo pela veste branca. Não estou sangrando desta vez, mas queria estar. Para mostrar a todos o que sou, o que sempre fui. Vermelha. Ferida. Mas viva. Como fiz diante da corte, diante de Evangeline alguns minutos atrás, endireito a coluna e o encaro com toda a força e ameaça que tenho a oferecer. Observo-o e procuro fissuras que só eu consigo ver. Olheiras, mãos trêmulas, uma postura tão rígida que pode partir sua coluna ao meio.

Você é um assassino, Maven Calore. Um covarde, um fraco.

Funciona. Ele tira os olhos de mim e levanta rápido, com as mãos ainda agarradas ao trono. A fúria o atinge como o golpe de um martelo.

— Explique-se, guarda Arven! — ele explode com meu carcereiro mais próximo.

Trio se sobressalta.

O acesso de raiva interrompe a música, a dança e a bebida imediatamente.

— S-senhor — Trio balbucia. Uma de suas mãos enluvadas agarra meu braço, irradiando silenciamento suficiente para fazer meu coração bater mais devagar. Tenta

encontrar uma explicação que não coloque a culpa em si mesmo nem na futura rainha, mas falha.

A corrente treme na mão de Tigrina, mas ela continua segurando firme.

Apenas Evangeline não se deixa afetar pela fúria do rei. Ela esperava essa reação.

Ele não ordenou que me trouxessem aqui. Não houve convocação alguma.

Maven não é bobo. Acena com a mão para Trio, pondo fim à sua gagueira com um só gesto.

— Sua tentativa pífia é resposta suficiente — ele diz. — O que você tem a dizer para se defender, Evangeline?

Na multidão, o pai dela se ergue, observando com olhos arregalados e severos. Alguém poderia dizer que está com medo, mas não acho que Volo Samos seja capaz de ter emoções. Ele simplesmente afaga a barba prateada, com uma expressão indecifrável. Ptolemus não tem o mesmo dom da dissimulação. Está parado na plataforma junto com os sentinelas, o único sem máscara e uniforme flamejante. Ainda que seu corpo esteja imóvel, seu olhar alterna entre o rei e a irmã, e ele cerra o punho devagar. *Isso. Tema por ela como temi por meu irmão. Veja Evangeline sofrer como eu o vi morrer.*

Afinal, o que mais Maven pode fazer agora? Evangeline desobedeceu suas ordens deliberadamente, ultrapassando as indulgências que o noivado deles permite. Se tem algo que sei, é que irritar o rei leva a punição. E fazer isso aqui, na frente de toda a corte... Ele pode muito bem executá-la agora mesmo.

Se Evangeline pensa que está correndo risco, não demonstra. Sua voz nunca falha ou vacila.

— Você ordenou que a terrorista fosse aprisionada e isolada como uma garrafa de vinho inútil. Depois de um mês de deliberação do conselho, não há consenso sobre o que fazer com ela. Seus crimes são tantos que merecem uma dezena de mortes, ou mil vidas na pior das cadeias. Ela matou ou mutilou centenas de nossos súditos desde que foi descoberta, incluindo seus pais, e ainda assim descansa em um quarto confortável, sendo alimentada, respirando, viva, sem a punição que ela merece.

Maven puxou à mãe, de modo que sua fachada para a corte é quase perfeita. As palavras de Evangeline não parecem incomodá-lo nem um pouco.

— Sem a punição que ela merece — ele repete. Maven olha para o salão, com o queixo erguido. — Então você a trouxe aqui. Minhas festas são tão ruins assim?

Uma série de risos, alguns sinceros e outros forçados, reverbera pela multidão inebriada. Alguns, no entanto, estão sóbrios o bastante para compreender a dimensão do que está acontecendo. Do que Evangeline fez.

Ela abre um sorriso cortês que parece tão doloroso que imagino que o canto de seus lábios vá começar a sangrar.

— Sei que você ainda está de luto pela sua mãe, majestade — Evangeline diz, sem

nenhuma sombra de afeto. — Todos estamos. Mas seu pai não agiria dessa forma. Acabou o tempo das lágrimas.

Estas últimas palavras não são dela, mas de Tiberias VI. O pai de Maven, o fantasma que o assombra. A máscara do jovem rei ameaça cair por um instante, e seus olhos brilham com um misto de pavor e fúria. Lembro dessas palavras tão bem quanto ele. Foram ditas diante de uma multidão como esta, depois que a Guarda Escarlate executou alguns alvos políticos. Alvos apontados por Maven, sugeridos pela mãe. Fizemos o trabalho sujo deles, enquanto aumentavam a contagem de corpos por conta própria com um ataque atroz. Os dois me usaram, se aproveitaram da Guarda para eliminar alguns inimigos e demonizar outros com um golpe só. Destruíram mais, mataram mais do que nenhum de nós pretendia matar.

Ainda consigo sentir o cheiro de sangue e fumaça. Ainda consigo ouvir uma mãe chorando sobre os filhos mortos. Ainda lembro das palavras que culpavam a Guarda por tudo.

— Força, poder, morte — Maven murmura, entredentes. As palavras me assustaram antes e me aterrorizam agora. — O que você sugere, milady? Decapitação? Fuzilamento? Ou devemos desmembrar a prisioneira?

Meu coração bate forte no peito. Maven permitiria uma coisa dessas? Não sei. Não tenho ideia do que faria. Preciso lembrar que nem o conheço direito. O garoto que pensei que fosse era uma ilusão. E os bilhetes, deixados de maneira cruel, mas cheios de súplicas para que eu voltasse? O mês de cativo gentil e silencioso? Talvez isso tudo também fosse falso, mais um truque para me iludir. Outro tipo de tortura.

— Devemos fazer como a lei ordena. Como seu *pai* teria feito.

A maneira como ela diz “*pai*”, usando a palavra de forma tão brutal quanto uma faca, é confirmação suficiente. Como muitos no salão, ela sabe que Tiberias VI não morreu como se acredita.

Mesmo assim, Maven se segura firme no trono, com os dedos brancos sobre as pedras cinza. Sentindo todos os olhos sobre si, ele se volta para a corte antes de olhar com desprezo para Evangeline.

— Você não só não faz parte do conselho como não conheceu meu pai bem o bastante para dizer o que faria. Sou um rei como ele era e entendo o que precisa ser feito pela vitória. Nossas leis são sagradas, mas estamos travando duas guerras no momento.

Duas guerras.

A adrenalina percorre meu corpo tão rápido que penso que minha eletricidade voltou. Não, não é ela. É a esperança. Mordo o lábio para não sorrir. Depois de semanas, a Guarda Escarlate sobrevive e se fortalece. Maven admite abertamente que estão lutando contra ela. É impossível escondê-la ou ignorá-la agora.

Apesar da necessidade de saber mais, continuo de boca fechada.

O rei lança um olhar ardente para Evangeline.

— Nenhum prisioneiro inimigo, muito menos uma prisioneira tão valiosa quanto Mare Barrow, deve ser desperdiçado com uma execução comum.

— Você é que a está desperdiçando! — Evangeline rebate tão rápido que parece que ensaiou a discussão. Ela dá mais um passo à frente, diminuindo a distância até Maven. Tudo parece um espetáculo, uma peça, algo representado sobre o tablado para a corte testemunhar. Mas quem ganha com isso? — Ela está juntando pó, sem fazer nada, sem nos oferecer nada, enquanto Corvium queima!

Outra informação valiosa para guardar. *Mais, Evangeline. Fale mais.*

Vi com meus próprios olhos a cidade-fortaleza, o coração do Exército de Norte, irromper em revoltas há um mês. E elas continuam. A menção a Corvium deixa a multidão sóbria. Maven percebe e se esforça para manter a calma.

— Faltam dias para a decisão do conselho, milady — ele diz, entredentes.

— Perdoe minha ousadia, majestade. Sei que deseja honrar o conselho da melhor maneira que pode, mesmo as partes mais fracas. Mesmo os covardes que não conseguem fazer o que deve ser feito. — Ela dá mais um passo e sua voz se atenua, quase um ronronado. — Mas você é o rei. A decisão é sua.

Um golpe de mestre, percebo. Evangeline também é manipuladora. Em poucas palavras, obriga-o a fazer o que ela quer para não parecer fraco. Contra a vontade, inspiro afobada. Será que ele vai ceder? Ou vai se recusar, botando lenha na fogueira da insurreição que já queima nas Grandes Casas?

Maven não é tolo. Ele entende o que Evangeline está fazendo e se obriga a manter o foco nela. Os dois se encaram, comunicando-se com sorrisos forçados e olhares afiados.

— A Prova Real definitivamente revelou a filha mais talentosa — ele diz, pegando a mão de Evangeline. Ambos parecem repugnados pelo ato. A cabeça de Maven se volta para a multidão, mais precisamente para um homem magro de azul-escuro. — Primo! Sua solicitação de interrogatório está concedida.

Samson Merandus ergue a cabeça, o olhar atento. Ele faz uma reverência, escondendo o enorme sorriso. Seu traje azul infla, escuro como fumaça.

— Obrigado, majestade.

— Não.

A palavra escapa de mim.

— Não, Maven!

Samson se move rápido, subindo para a plataforma com uma fúria controlada. Ele percorre a distância entre nós com poucos passos decididos, até seus olhos serem a única coisa no mundo. Olhos azuis, olhos de Elara, olhos de Maven.

— Maven! — grito de novo, implorando ainda que não vá adiantar nada. Suplicando, ainda que fira meu orgulho pensar que estou pedindo algo para ele. Mas o que posso fazer? Samson é um murmurador. Ele vai me destruir de dentro para fora, vasculhar

tudo o que sou, tudo o que sei. Quantas pessoas vão morrer por causa do que vi?
— Maven, por favor! Não deixe que ele faça isso!

Não tenho forças para me libertar da corrente nas mãos de Tigrina, nem mesmo para me debater quando Trio me pega pelos ombros. Os dois me seguram com facilidade. Meus olhos alternam entre Samson e Maven. Ele mantém uma mão no trono e a outra segura a de Evangeline. *Sinto sua falta*, diziam seus bilhetes. Ele é indecifrável, mas pelo menos olha para mim.

Isso é bom. Se ele não vai me salvar desse pesadelo, quero que veja o que vai acontecer.

— Maven — sussurro uma última vez, tentando soar como mim mesma. Não como a garota elétrica, não como Mareena, a princesa perdida, mas como Mare. A garota que ele viu atrás das grades de uma cela e prometeu salvar. Mas ela não basta. O rei abaixa os olhos. Vira para o outro lado.

Estou sozinha.

Samson me pega pela garganta, pressionando a coleira, me obrigando a encarar seus olhos vis e familiares. Azuis como gelo e igualmente implacáveis.

— Você errou ao matar Elara — ele diz, sem se incomodar em medir as palavras.
— Ela era uma cirurgiã com a mente das vítimas.

Ele se aproxima, sedento, um homem faminto prestes a devorar a refeição.

— Eu sou um carnicheiro.

Quando o sonador me destroçou, agonizei por três longos dias. Uma tempestade de ondas de rádio tinha voltado minha eletricidade contra mim, ressoando na minha pele, chacoalhando entre meus nervos como raios num pote. Deixou cicatrizes. Linhas irregulares de carne branca descendo pelo meu pescoço e minha coluna, marcas feias com as quais ainda não me acostumei. Elas doem e repuxam, tornando movimentos simples bastante complicados. Mesmo meus sorrisos não são os mesmos, parecendo menores depois do que aquilo fez comigo.

Agora, eu imploraria pelo sonador se pudesse.

O estalo agudo do sonador me despedaçando seria o paraíso, uma bênção, uma misericórdia. Eu preferiria estar com ossos quebrados, músculos rompidos, dentes e unhas despedaçados. Preferiria estar completamente destruída a sofrer mais um segundo com os murmúrios de Samson.

Consigo senti-lo. Sua mente. Preenchendo cada canto de mim como uma perversão, uma podridão, um câncer. Ele raspa minha cabeça de forma incisiva. Todas as partes de mim que ainda não foram pegas por seu veneno se contorcem de dor. Samson está gostando. Esta é sua vingança, afinal. Pelo que fiz com Elara, seu sangue e sua rainha.

Ela foi a primeira lembrança que ele arrancou de dentro de mim. Minha falta de remorso o enfureceu e me arrependo disso agora. Queria ter fingido alguma piedade,

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A prisão do rei (A Rainha Vermelha)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).